
Sou uma revolucionária da água!

11 de agosto de 2010

Sou engenheira civil.

Em que ano se licenciou?

Entre em 1980 no Técnico e saí em 1989.

O que a fez decidir-se por uma escola de engenharia?

Sou da Guarda e queria vir para Lisboa, não para Coimbra. Queria Lisboa e medicina. Tinha e tenho ainda hoje, uma grande amiga que é médica, que também se decidira por medicina. É aquela coisa da adolescência:

– Vamos as duas para medicina, vai ser bom.

Acho que tinha vocação para medicina. Não consegui entrar e comecei a pensar o que poderia então fazer: engenharias? Engenharia civil! Nunca tive antes interesse pela engenharia civil. Não fazia parte do meu objetivo de vida. Foi mesmo:

– Quero é ir para Lisboa, vamos lá entrar num sítio qualquer.

E a seguir à medicina veio a engenharia civil, porque eu estava em ciências, não podia ir para direito. Senão teria escolhido direito. Porquê? Porque estes são os cursos que toda a gente faz, ou quer fazer: medicina, engenharia, direito, arquitetura. E gostava de matemática, de facto. Mas engenharia civil nunca me disse muito. Agora sim, mas naquela altura, não. Aliás, eu era muito contra a construção em betão. Era ligada à natureza e detestava o betão.

Do Técnico, o que recorda? Como era o seu dia-a-dia?

Uma alegria! Fazia tudo menos assumir aquela vida como vida de estudante e de ter responsabilidades. Achava que conseguia tudo. Divertia-me durante o dia em vez de ir às aulas, por exemplo, a jogar matraquilhos, às cartas, ficava na última fila dos anfiteatros a ler o jornal com os meus colegas. Porque no início era eu e mais

**Entrevista a
Margarida Rodrigues**

Grelha e aplicação Jorge Freitas Branco

oito rapazes. Só havia duas raparigas na minha turma. Depois éramos, eu e a outra colega e os oito rapazes. Para mim era outro mundo, um bocadinho desfocado do objetivo que me tinha ali, que era estudar e fazer as cadeiras. No fim do ano, ou do semestre, os meus colegas faziam as cadeiras, e eu nem por isso. E estive assim uns tempos.

Fazia-se aos matraquilhos.

É. Porque eles jogavam matraquilhos durante o dia, mas depois em casa tinham disciplina, tinham os pais, que lhes impunham disciplina. Eu não tinha disciplina nenhuma. Depois organizei-me, mas no início foi difícil. E, por isso, chumbei no 2º ano e depois fui dar aulas. Não fiz um percurso linear, como a maioria dos meus colegas.

Que aulas deu? De matemática?

Dei aulas de matemática, de físico-química, de desenho. A primeira vez foi no 2.º ano do curso. Fui para Grândola. Já sabia que chumbava. Tinha o sentido de responsabilidade de não me aproveitar economicamente dos meus pais. O último semestre estive sempre em Grândola e foi uma aventura dar aulas, gostei. Depois voltei ao Técnico, matriculei-me no 3.º ano.

Depois de quanto tempo?

Só estive em Grândola 4 ou 5 meses. Em Lisboa tinha que pagar quarto, mesmo assim mantive-o. Mas há coisas que já não me lembro. Quis ganhar dinheiro para não estar a sobrecarregar os meus pais, gerindo a minha vida. Voltei no ano seguinte e matriculei-me. Chumbei novamente. Fui para a Guarda dar aulas de desenho e físico-química durante dois anos. Estive quase a decidir não acabar o curso, andei um pouco perdida. Voltei a Lisboa, continuei a dar aulas. Nunca mais fiquei dependendo financeiramente dos

meus pais. Autonomizei-me, apliquei-me, comecei a gostar, a interessar-me, a ter melhores notas. Interessei-me pela água, pela hidráulica. Detestava estruturas e betão. Todos gostamos da água, não é? E foi por aí que me orientei e acabei o curso em 89, com uma média de 12, o que não foi mau.

Como eram as aulas? Quais as recordações? Professores?

O Técnico era uma grande escola e sentia-se isso. Os professores um pouco distantes sobretudo os que lecionavam nos primeiros anos. Recordo-me dos professores de análise matemática, do prof. Levy, mas o Mariano Gago era o que mais me fascinava.

Que lecionava ele?

O Mariano Gago era professor de história da ciência. Era num anfiteatro grande nos pavilhões de química, lembro-me dele a dar a aula, de não faltar às aulas dele, porque eram interessantes. É um professor que nunca mais hei-de esquecer. Era muito concentrado e convicto e isso ele transmitia para fora. Depois tive o prof. Quintela e o prof. Monteiro.

Carvalho Quintela, de Hidráulica?

Exatamente! Alto, com olho azul. Há professores que achei muito interessantes, mas de quem não tenho ...

Mas que não se lembra, isso é natural.

Recordo o professor de materiais de construção nos falar sobre ética e deontologia profissional, por nos alertar para a facilidade com que os engenheiros se podem corromper. E tive o Brotas. Muitos dos meus professores já estarão reformados.

E o ambiente com os seus colegas?

O ambiente era de boa disposição. Gozavam um bocado comigo, mas eu também deixava e se calhar até gostava. Por ser da Guarda, diziam que vinha das cavernas. Tinha um aspeto diferente das meninas daqui de Lisboa. Trazia aquelas roupas que eu associava ao estilo *hippie*, de tancos e saias compridas. Achava-me na vanguarda e eles que eu vinha das cavernas ou do rancho. Escreviam no meu cartão de estudante:

Margarida das Cavernas. Era diferente das pessoas da minha turma porque vinha da província. E da província penso que só vinha o Francisco. Só depois me apercebi que eles, ao contrário de mim, pouco saiam. Achava que eles não frequentavam as coisas que Lisboa tinha. Levavam uma vida que era o Técnico, brincavam ali um bocadinho, iam para casa, estudavam ou faziam lá as coisas que normalmente faziam. Eu ia ao cinema, ia ao teatro, ia aqui, ia ali ... E eles nem sabiam que isso existia. Eu era insaciável.

Não se tinham libertado de casa?

Pois. Não tiveram a oportunidade que eu tive. Saí de casa.

Não havia mistura com os da província?

Muito pouca. Era eu e o Francisco, que me lembre. Talvez um açoriano, mas tinha pouco contacto com ele. Como eles já se conheciam do liceu e brincavam uns com os outros, era um grupinho, foi mais fácil. Enquanto com o Francisco costumava também falar com ele senti uma grande cumplicidade, por sermos da província.

No vosso plano de estudos havia estágio?

Não.

Já me disse que gostou mais de hidráulica e de tudo o que tinha a ver com água ...

Hidráulica, obras marítimas ... foram as cadeiras no final.

Uma rapariga do interior ficou fascinada pelo mar?

Bom, isso pode ser já uma conclusão psicanalítica. Porque gosto da água?

Gosta, pronto.

As pessoas gostam da água, porque a água não tem disciplina, é livre. Pode ser por aí ... Tem vida e é mais difícil, dá mais luta. Se calhar é por aí.

Provavelmente ainda não viu um deserto a sério.

Já estive no deserto mais árido do mundo. O mais deserto do mundo, o Atacama. Adorei.

É impressionante, não é?

É lindo.

E fica bem alto.

Sim. No sítio onde eu estive, não senti problemas de altitude. Havia uns sítios com *geysers*, onde já existiam problemas de altitude. Não cheguei a ir porque entretanto tive um daqueles problemas dos viajantes, uma grande diarreia. Fiquei no hotel, em San Pedro de Atacama. Mas estive noutros sítios do Chile. Já estamos nas viagens!

Em 89, as licenciadas em engenharia civil eram uma minoria?

Sim.

E havia ainda as que desistiam?

Não, acho que as raparigas convictas e estudiosas que entravam, acabavam. A única que corria o risco de não acabar era eu. Elas eram muito disciplinadas. Tiveram um percurso diferente do meu, porque já vinham sensibilizadas pela família para a engenharia. A engenharia é um profissão interessante, mas isso aprendi depois de sair do Técnico.

Em 89, era licenciada em engenharia. Que resolveu fazer?

Quando me licenciiei estava a dar aulas na Paiã, na Escola Agrícola D. Dinis. Entretanto vi um anúncio de uma vaga para engenheiro dos Serviços Municipalizados de Loures. Concorri, fui à entrevista e fiquei.

E depois, para onde foi?

Em 2002/2003 estive em Quelimane, em Moçambique.

Tinha lá as mesmas funções?

Em Loures, só trabalhei em águas residuais, em esgotos domésticos, pluviais e conservação de linhas de água. Entrei como engenheira da Divisão de Esgotos. E em 96 passei a dirigir esta divisão, até ser requisitada pelas Águas de Portugal para ir para Moçambique. Eu tinha uma grande vontade de sair, de ir para África. Num mês consegui que a administração me autorizasse. E fui por um ano. Regressei em 2003. Como por razões não fundamentadas não me renovaram a comissão de serviço, vi-me confrontada com a

necessidade de sair e fui para a Câmara de Almada, como chefe de divisão das Infraestruturas Viárias. Aquilo para mim era uma área nova, não tinha nada a ver com a água.

Qual a atividade que desenvolve?

Sou dirigente do Departamento de exploração e conservação dos sistemas públicos de abastecimento de água e drenagem e tratamento de águas residuais.

E dessas etapas há alguma que lhe chame mais a atenção?

Moçambique é uma vida.

Quer falar sobre Moçambique? Porque foi uma experiência de vida?

Aterrei numa empresa chamada Águas de Moçambique, com sede em Quelimane. Fica lá no norte, distante de Maputo, do sítio onde estão os portugueses. Era a única branca. Quando fui apresentada aos trabalhadores, que estavam alinhados, para cumprimentar a diretora, pensei: *Para onde venho? O que é isto?* O contacto com as pessoas foi estranho, não estavam à espera que os cumprimentasse com um aperto de mão.

Não parei. Só queria fazer coisas. Havia a gestão da empresa, o passar o conhecimento técnico e as pequenas coisas que para mim eram essenciais: os filhos dos trabalhadores nunca tinham tido prendas de Natal, arranjámos maneira de todos as receberem. E como não havia lojas, nem brinquedos, tivemos algum trabalho para conseguir prendas de que gostassem.

Mudámos a maneira como as pessoas pagavam as faturas; já não eram todos em cima de um *guichet*, passou a ser por cartão de vez. Não é como aqui que se contrata uma empresa para uma tarefa. Ali é o que sai de nós. Só ali é que eu me apercebi da minha dimensão. Por isso, foi uma experiência fantástica.

Um episódio que correu um bocadinho mal foi a comemoração do Primeiro de Maio, uma data muito festejada. E era tradição da empresa fazer uma festa ou oferecer uma refeição aos trabalhadores. Havia dinheiro e fez-se uma festa de arromba, onde não faltou nada, nem bebidas alcoólicas. Os trabalhadores aproveitaram. No dia seguinte estavam todos de ressaca. Ocorreu uma rutura na adutora e Quelimane ficou sem água.

Grande Primeiro de Maio!

A reparação da rutura durou muito mais do que o previsto. Sofri aquela angústia: *Se eu não tivesse feito assim, isto não tinha acontecido. Se eu pudesse ajudar, mas não posso*, porque a reparação da rutura fazia-se debaixo de água, num pântano. Demorámos dois dias a reparar. Acho que foi a ressaca. Eles, se calhar, acharam que não. Que era o tempo que aquilo levava. Agora eu, como acompanhei tudo, achei que a reparação estava a ser muito lenta. Não conseguia orientá-los para que fizessem as coisas mais depressa, porque a forma que eles tinham de reparar era só deles. Eu não podia dizer como é que se aparafusava, porque eu não via sequer a junta. Eles mergulhavam e metiam parafusos. Eu só os via desaparecer e voltarem à superfície, cheios de lama.

O mais dramático naquilo?

Nestes dois dias não estive sempre lá, no local da rutura. De vez em quando ia a Quelimane. Eram 30 ou 40 quilómetros de distância, de onde tínhamos a captação da água. Havia a adutora para Quelimane e o que eu via era as pessoas – uma imagem que não me esqueço – levando os cântaros, com uma cara desolada, sem água. Ao longo daqueles quilómetros via-se a desolação daquelas pessoas. Ia parando e dizia: – Olhe isto vai estar pronto daqui a umas horas. Porque primeiro tinha uma previsão para umas horas. E repetia-lhes:

– Não se preocupem que estamos com uma rutura, mais daqui a umas horas ...

Até que percebi que não valia a pena, porque não consegui prever nada. Aquela estafa, o estresse de querer dizer às pessoas: *Fiquem tranquilos*

Em Moçambique.

Fotografia cedida pela própria.



porque vamos ter água!, foi uma coisa desgastante e angustiante. Ser responsável por um serviço de abastecimento de água e não ter água é desesperante.

Há quanto tempo estava lá quando isso aconteceu?

Eu entrei em julho, isto foi em maio do ano a seguir. Estava quase a vir-me embora.

E como decorria o seu dia-a-dia? Para além desses picos.

Havia corrupção e eu tinha muita dificuldade, pois não conseguia entender aquele mundo diferente e de alguma maneira olhava as coisas como se estivesse aqui. Não consegui ter tolerância para algumas coisas. Acho que se deve ter tolerância em função do que está a acontecer à nossa volta, mas na altura não tinha e achava que aquela responsabilidade que eu tinha não o permitia. Era um dia-a-dia de picos: por um lado, a satisfação de ter surpresas agradáveis, normalmente com as mulheres da empresa. Com elas, conseguia trabalhar bem. Com os homens, menos. Tinha a calma para dizer as coisas devagarinho, explicar o que pretendia, mas nem sempre se resolvia. Eles diziam que faziam, mas quando ia ver, não tinham feito nada. E porque não faziam? Respondiam-me:

– Não percebi o que a diretora disse.

Fui trabalhando mais com as mulheres. Como tinha competência para o efeito, recuperei pessoas que estavam subaproveitadas, colocando-as em tarefas de mais responsabilidade: à frente dos recursos humanos, da financeira. E as coisas foram melhorando. Enquanto lá estive as receitas cobriam as despesas. Houve dinheiro para os ordenados, para os funerais, para a assistência médica, para as pequenas festas, para o protocolo.

E convivi com as mulheres da empresa e às vezes ajudava-as em tarefas do campo. Ficou assim uma saudade destas senhoras da empresa e deixei lá uma amiga.

O que é que havia mais? Eu não tinha mobiliário, mandei fazer ao carpinteiro local. Era tudo diferente. O meu objetivo era passar conhecimento às Águas de Moçambique e experiência. Eu fazia toda a gestão da empresa constituída por 67 trabalhadores, reportando ao

diretor geral em Maputo, o regular funcionamento dos serviços. Implementava medidas, alterava, inovava de forma a melhorar a eficiência e o equilíbrio financeiro da empresa.

Uma das coisas que mais me lembro foi termos regularizado o tarifário da venda da água, porque havia pessoas que consumiam a água sem pagar, outras pagavam em excesso.

O objetivo era as Águas de Portugal transferirem conhecimento e experiência aos moçambicanos para serem eles depois a gerir a empresa.

E como faziam esse controlo?

Fazia-se com o apoio de pessoas responsáveis por comunidades organizadas à volta de um fontanário. Eram eles que distribuíam a água em função de um tarifário. Tínhamos de confiar neles. Quando surgiam dificuldades, reuniamos--nos.

Não foi difícil organizar, difícil era manter. Outra coisa era controlar as ligações fraudulentas na *cidade de cimento*, Quelimane.

E a água para Quelimane vinha de onde? Vinha do Zambeze?

Não, era captada por furos. Quelimane é a capital da Zâmbia, mas o rio Zambeze passa longe dali. Havia ali uma captação superficial, mas depois não tinha qualidade suficiente e as Águas de Moçambique apostaram em fazer furos e a água era aceitável. Não tínhamos que fazer grande correção da água. Isso funcionava bem. A minha preocupação era que os fontanários tivessem água em quantidade. Tinha mais preocupação com os fontanários do que com os ramais das casas particulares. As casas particulares até tinham reservatórios, dispunham de reservas. As aldeias e os fontanários eram a minha preocupação.

Então foi uma experiência que se centrou mais na gestão do que na engenharia?

Exatamente. De alguma maneira a minha vida profissional tem em sido sobretudo gerir recursos para prestar um serviço público de qualidade.



(...) Eu não podia dizer como é que se aparafusava, porque eu não via sequer a junta. Eles mergulhavam e metiam parafusos. Eu só os via desaparecer e voltarem à superfície, cheios de lama. (...)

Rutura na adutora – Quelimane sem água.

Fotografia cedida pela entrevistada, maio de 2003.

Sente-se bem como engenheira na atividade que desenvolve?

Dirigir um Departamento de exploração e conservação numa instituição como os Serviços Municipalizados é gerir a água, é seguir a minha carreira profissional que tem sido dedicada ao serviço público na gestão da água. Os municípios tem uma grande capacidade para gerir e desenvolver as infra-estruturas e para garantir o direito de todos os cidadãos à água como princípio básico e universal.

O mais difícil é conseguir ter os trabalhadores motivados – o departamento tem 214 trabalhadores – por que se ganha mal, os funcionários públicos são muito mal pagos e muito mal entendidos. Trabalham às vezes em más condições para não deixar as pessoas sem água, para garantir a recolha até ao tratamento das águas residuais, para evitar inundações quando chove, para proteger o ambiente. Esforçam-se muito.

Os nossos utentes muitas vezes desconhecem este trabalho não sabem como é que a água chega às suas torneiras e como é devolvida ao ambiente, muitas vezes só sabem dizer mal.

Como se sente no papel de engenheira e mulher dirigente? Acha que há alguma diferença no seu dia-a-dia por ser mulher?

Não.

A sociedade já aceita isso como tal?

Sim. Nunca senti diferença. Só em Moçambique. Mas Moçambique é outro mundo. De alguma maneira somos discriminadas. Isto é um mundo de homens.

A maioria do pessoal dirigente continua a ser masculino?

Sim, continua.

Quando acabou o curso inscreveu-se na Ordem dos Engenheiros?

Inscribi-me.

Pergunto isso porque houve nos anos 70-80 uma celeuma. O que a levou a inscrever-se?

Eu acabei em 89, não me lembro de haver celeuma. Para nós era uma coisa quase automática. Eu não tinha que fazer o estágio. Só tinha que pagar as quotas. Mas tinha que ser ... era a Ordem dos Engenheiros. Eu, aliás, até achei que tinha que estar inscrita para ser engenheira.

Como vê o papel do engenheiro no passado, no presente e no futuro?

A engenharia garante segurança. Quando alguém utiliza a torneira em casa, tem que ter certeza, que a água chega em qualidade e quantidade.

Um engenheiro é alguém com muita responsabilidade confiada pela sociedade, é alguém com capacidade para melhorar as condições de vida das pessoas.

Acho que agora é mais fácil para os engenheiros esquecerem-se disso e perderem-se atrás do dinheiro ou do sucesso da má política entrando facilmente nas trapalhadas que conduzem num instante à corrupção. Estes engenheiros que tomam as vezes decisões catastróficas não querem admitir que prejudicam muita gente, que no limite podem até provocar acidentes mortais.

Os engenheiros tem que ser dignos da profissão de engenharia: íntegros, responsáveis, leais, capazes, exemplares e devem denunciar as atividades ilegais.

As escolas de engenharia têm que dar mais atenção à ética e deontologia profissional nas organizações.

No meu tempo não tínhamos nenhuma cadeira sobre ética profissional, mas os professores deixavam claro que a corrupção era crime.

Sobre serviço público também se falava pouco à exceção da cadeira elementos de engenharia municipal, que em conjunto com as hidráulicas me abriu a porta para a administração pública local.

Tem alguma recordação especial dos seus tempos de estudante ou da instituição?

Tenho um carinho especial pelo Técnico. Pelo edifício, pelos anfiteatros, pela associação, pelo espaço. Ainda me consigo lembrar do cheiro.

Ainda convive com colegas dessa altura?

Sim, ainda, alguns são meus amigos.

E os seus colegas são todos também de civil?

São.

Em que setores trabalham?

Uma amiga está no Instituto da Água, trabalha em qualidade das águas superficiais, outra no LNEC. Outros em grandes empresas de construção e obras em África. Há um numa empresa de fiscalização. Ainda outro numa de instalação de estações de serviço. Também um no Banco de Portugal. Outro é administrador da sua própria empresa ... Acho que todos se sentem bem como engenheiros.

Confraternização no feminino. Moçambique. Fotografia cedida pela entrevistada.



Consegue traçar um fio condutor à sua vida profissional? Em relação à sua geração? Em relação ao seu país?

Sou uma *revolucionária* da água! É responsabilidade de trabalhar para um bem público, em equipa de forma solidária, com *amor à camisola*. É trabalhar para a gestão pública da água, única forma de garantir a água a que todos temos direito.



*Ex-colegas do IST, hoje:
Fernanda Rocha, António Monteiro, a entrevistada.
Fotografia cedida pela própria.*

